

1

Introdução

Amor e casamento são temas que, em geral, despertam interesse, posto que em nossa cultura raramente encontramos quem já não tenha vivido ao menos uma dessas experiências, antes dissociadas e hoje profundamente atreladas. Referências sobre o assunto são facilmente encontradas, seja nas manifestações artísticas - músicas, cinema, teatro, contos de fada - ou mesmo na literatura científica, esta última bem mais recentemente. Amor e casamento parecem povoar o nosso imaginário.

O casamento de hoje já não corresponde mais àquele modelo que o instituiu originalmente, como veremos no decorrer deste trabalho. Ao longo do tempo, mudanças estruturais e subjetivas trouxeram novas perspectivas em torno do matrimônio, repercutindo inevitavelmente na organização familiar e, conseqüentemente, nas estruturas subjetivas. Os processos de modernização e urbanização pelos quais vêm passando as sociedades ocidentais têm provocado o crescente questionamento das normas e valores que durante certo tempo nortearam os padrões de comportamento. Não só a família e o casamento, mas os relacionamentos interpessoais, de uma forma geral, se organizam atualmente em torno de valores mais igualitários e individualistas, onde importam mais os referenciais internos e a experiência pessoal de cada um, do que as normas instituídas. Namoro, noivado, casamento, relação de amantes, já não se configuram mais como antes. As fronteiras que delimitam o território e as principais características de cada um já não são tão visíveis.

Embora saibamos que tais transformações perpassam toda a estrutura social, não podemos afirmar que as diferentes camadas sociais sejam atingidas da mesma maneira e, menos ainda, que se comportem ou reajam de forma semelhante, posto que há entre elas diferenças intrínsecas manifestas, dentre outras formas, em diversidade cultural e desigualdade de recursos.

Estudos, conforme veremos ao longo deste trabalho, atestam que a família pobre está mais sujeita a rupturas durante o seu ciclo de desenvolvimento do que a família de classe média ou alta. Isso porque fatores como desemprego ou subemprego

acarretados pela baixa escolaridade, pelo afastamento de um membro do núcleo familiar devido à migração (geralmente quem se afasta é o provedor), dificuldades financeiras, alta natalidade, dentre outros que fazem parte da realidade dessa população, representam questões cruciais neste segmento. No entanto, é possível notar a presença, mesmo que imaginária, de uma representação familiar calcada em ideais românticos presentes nas concepções modernas de família das classes médias e altas. E esta distância entre o ideal e o real faz com que o não cumprimento desses padrões seja vivenciado como insucesso pessoal. Embora isso também ocorra nas demais camadas, no grupo em questão tal distância aumenta significativamente.

Como moradora da Rocinha, estas especificidades me saltaram aos olhos antes mesmo de qualquer contato com a literatura específica. A teoria, certamente, me proporcionou o distanciamento necessário para que alcançasse um olhar crítico - tal afirmativa, contudo, não significa defender uma postura ingênua de que o olhar do pesquisador possa ser “neutro”. Na verdade, diante de tantas informações a respeito da conjugalidade nas camadas médias foi possível o questionamento acerca das diferenças implicadas pela situação socioeconômica no âmbito doméstico, uma vez que os estudos sobre o tema nesse segmento específico ainda são escassos.

Embora venham crescendo em número nos últimos anos, comparativamente ainda são poucos os estudos que abordam a população pobre. E, obviamente, isso não ocorre por acaso. Utilizando como referência a vida cotidiana em uma favela, é possível afirmar a existência de atravessamentos que, por não inviabilizarem, certamente oferecem a estas estruturas sociais aspectos bastante singulares. E são justamente essas singularidades, contidas numa diversidade de arranjos, que configuram o objeto deste estudo. Através de uma pesquisa de abordagem qualitativa e exploratória, investigamos o modo como se dá a conjugalidade nessa camada da população, quais os arranjos possíveis ou desejados, dadas as especificidades das condições de vida nesses estratos.

A favela da Rocinha foi o cenário escolhido como campo de investigação não só por sua implicação emocional, posto que representa as minhas origens e o plano de fundo de toda uma vida, incluindo o presente, mas também porque foi ali que

surgiram as primeiras indagações a respeito do tema da pesquisa, e por abarcar uma diversidade fértil às investigações.

Foi ali que, ainda criança, deparei-me com as evidências de uma realidade excludente e opressora, que nos impõe, cotidianamente, os sons e imagens da violência e da morte nas suas piores formas. A única coisa que mudou com o tempo foi que passei a entender um pouco da lógica por detrás de tudo isso. Ao contrário do que se pensa, o morador da favela não se acostuma com essa dura realidade, mas tenta a ela se adaptar para sobreviver. A violência, em todas as suas faces, inclusive a subjetiva, ainda me choca. Mas agora entendo que possuo um pouco mais de recursos para lidar com ela. Poder trazer para a academia um pouco deste lugar é um deles.

Em meio a tantos aspectos negativos, é possível destacar também na favela a presença de uma positividade que desafia os dados da realidade. Mas sobre isso pouco se fala, com raras exceções. Ao trazer para discussão o tema da conjugalidade na favela espero também evidenciar o que de positivo se constrói ali. Relações estabelecidas em torno de afeto e envoltas em expectativas despretenhosas, porém otimistas.

Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, não foi fácil encarar com olhar de pesquisadora um território para mim tão familiar. Além de buscar um equilíbrio entre a intimidade e o distanciamento, o que, conforme mencionei, passa longe da neutralidade, tive de tentar me despir dos meus próprios preconceitos, pois este trabalho me mostrou que não é só morador do asfalto que tem suas idéias errôneas e pré-concebidas sobre a favela. Nós, aqui de dentro, também as temos. Por isso a importância de trabalhos como esse.

Concretizando então as proposições acima, estruturamos este estudo da seguinte maneira:

No primeiro capítulo tentamos resgatar, com o auxílio de autores como Vera Succi (1983), Michel Sot (1991) e Jaques Solé (1991), um pouco da história do amor no ocidente, mostrando como, quando e onde foi-se estabelecendo a íntima relação entre esse sentimento e o casamento, chegando ao patamar atual, onde encaramos com estranheza a idéia de um relacionamento conjugal que não tenha como fundamento o amor romântico. Abordamos também, através de Bernardo Jablonski

(1991; 2003), os fatores da atual crise do casamento, passando pela descartabilidade dos relacionamentos amorosos na atualidade e pelas transformações na esfera da sexualidade, enfatizadas por Bauman (2004) e Giddens (1993), para enfim tratarmos da conjugalidade na pós-modernidade, com Fères-Carneiro (1998) e Andréa Magalhães (1993).

No segundo capítulo, com o auxílio de autores como Sonia Rocha (2006) e Pastore & Haller (1993), problematizamos as noções de pobreza e desigualdade. Apesar de o Brasil ainda operacionalizar a noção de atendimento às necessidades via renda, existe um consenso de que a fonte mais adequada para o estabelecimento de linhas de pobreza é a estrutura de consumo das famílias. A pobreza no Brasil pode se configurar de diferentes maneiras, de acordo com a região geográfica, mas podemos dizer que, atualmente, ela se concentra nos centros urbanos. Assim, traçamos um panorama da pobreza no Brasil de hoje, chegando a evidências de modificações no perfil do pobre brasileiro nos últimos anos, com uma tendência à universalização do acesso ao bem comum e a serviços. Mostramos também, através das pesquisas de Lívio Sansone (sem data), como essas mudanças se refletem no comportamento do jovem de classe baixa.

Após um breve retrospecto sobre o desenvolvimento das favelas no Rio de Janeiro, lançamos, com Mário Sérgio Brum (2003) e Janice Perlman (1987), um novo olhar sobre a favela, relativizando noções naturalizadas pelo senso comum.

Os relacionamentos amorosos nas camadas pobres da população no Brasil colônia são retratados graças a uma cuidadosa análise das devassas episcopais, realizada por Luciano Figueiredo (1997). Apesar dos esforços da Igreja, estas relações fugiam aos padrões institucionalizados e praticados pela elite de então.

Abordamos também a necessidade de se relativizar a importância do modelo de família patriarcal apresentado por Gilberto Freire, uma vez que tal modelo referia-se a uma parcela restrita da população, o que, ao nosso ver, impossibilita as generalizações que relegam as camadas inferiores a estereótipos como “desorganizadas” ou “desintegradas”. Neste sentido, nos identificamos com a noção de Mello (2003) de “polimorfismo familiar”, referindo-se às variações àquele

modelo, formas diferentes de organização, mas que atendem às necessidades subjacentes, configurando uma excelente forma de adaptação.

Utilizando como referência alguns estudos sobre a família das camadas populares (Salem, 1980; Sarti, 1994, 2003; Pecego, 1999; Kallas, 1989, 1992 e Mello, 2003), buscamos salientar algumas características da organização familiar entre os pobres na atualidade. Tais estudos apontam para a existência de uma representação familiar calcada nos mesmos ideais românticos que permeiam as concepções modernas de família das classes médias e altas.

O terceiro capítulo se inicia com as questões metodológicas, justificando a escolha do método, instrumento e procedimentos, bem como ressaltando a historicidade do objeto das ciências sociais. Para isso, utilizamos autores como Nicolaci-da-Costa (2006), Minayo (2004; 1994), Turato (2003), e Goldenberg (1994). Em seguida, proponho algumas reflexões a respeito da minha inserção na Rocinha enquanto pesquisadora, com o auxílio das contribuições de Chizzotti (1999; 2000), Zamora (1999), Pecego (op.cit) e DaMatta (1974, In: VELHO, 1981), expondo minhas motivações, questionamentos e impasses diante do campo a ser investigado. Convido então o leitor a um passeio pelas ruelas e becos de uma favela de grandes proporções, mas não sem antes contar um pouco de sua história.

Por último, buscamos explicitar o modo como os moradores da Rocinha concebem e se organizam em suas relações conjugais, articulando tais concepções às vicissitudes inerentes à sua inserção na estrutura social, bem como utilizando de reflexões teóricas (Del Priore, 2005; Prado, 1983; Vilhena, 1988a, 1988b, 1999), nos servindo para isso das vozes dos próprios atores. Abordamos aspectos como a concepção de casal; a gravidez, o lugar do amor, o casamento sob a visão do homem e sob a visão da mulher, a divisão de despesas e tarefas, o papel da rede de parentesco, dentre outros.

Espero, com este trabalho, poder contribuir não só com esclarecimentos, mas principalmente, plantando indagações futuras que venham provocar novas pesquisas e somar conhecimentos acerca de um tema ainda não muito explorado neste segmento social. Gostaria também de mostrar um pouco de uma Rocinha que passa longe dos noticiários, que abriga pessoas comuns que, como em qualquer outro lugar, casam-se,

separam-se, recasam-se, apaixonam-se, conformam-se... E constroem amores possíveis.